

# A VELHA GUARDA

ORGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Redactor principal:

AGOSTINHO FERNANDES ROCHA

Administrador: FRANCISCO GONÇALVES DA CUNHA

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

Redacção e Administração: Rua Elias Garcia, 46. — Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARÃES

## A eleição de Guimarães

Como republicanos que somos, custa-nos muito termos de nos referir mais uma vez a essa imunda porcaria que foram as eleições deste círculo. Doi-nos que em plena República se repitam, agravados, os crimes de que tínhamos acusado a Monarquia, e que fôram a causa da sua queda. Doi-nos, envergonha-nos; e quasi que nos desatima. Falar nas falcatruas que dentro da República se consentem para roubar eleições, num regimen em que a Liberdade e o Direito deviam dominar, é perder a autoridade para acusarmos os monárquicos, é desarmar perante eles, é mostrar a inutilidade duma revolução que fez cair um regimen que, durante os séculos da sua existência, tinha tido dias de glória e de prestígio. Mas temos de falar, porém, uma vez mais sómente, para que os nossos correligionários fiquem todos elucidados sobre os pormenores desta imundície, para que todos os que por nós trabalharam e se sacrificaram fiquem sabendo a razão por que o seu deputado foi impedido de entrar no Parlamento.

Ao iniciarse a campanha eleitoral e depois de terem fracassado combinações entre o nosso Partido e o Liberal, que nada tinham de desonrosas para a República, fracasso que atribuímos á preponderância que a direcção local dos liberais tem elementos monárquicos e jesuíticos, fomos procurados por alguém que devia ter, e supunhamos que tinha, o maior prestígio e a máxima autoridade dentro do Partido, para nos comunicar o acôrdo que haviam fechado com os católicos e oferecer todo o seu valimento a favor das candidaturas democráticas, onde dele pudessem dispôr sem prejuizo da lista governamental.

Respondemos agradecendo esta delicada atenção: declarando que nada mais queríamos do governo do que o respeito pela nossa votação, isto é, que a eleição se fizesse com absoluta liberdade, sem chapeladas contra ou a nosso favor. Tínhamos a certeza de que os nossos votos, apesar da aliança católico-liberal se haviam de aproximar muito, para mais ou para menos, dos da lista governamental, e, portanto, nada mais nos era preciso do que a garantia de que esses votos nos não seriam roubados.

Essa garantia nos deram; era um homem de honra que nos falava; ficamos sossegados. E, querendo corresponder por forma condigna á correcção que para comnosco havia da parte dos governamentais, e também por sabermos que estes consideravam como questão de dignidade politica vencer as maiorias por este círculo, o que, porventura, os poderia levar a violências e pressões sempre feitas a quem está no poder, resolvemos disputar sómente as minorias, o que também lhes comunicamos.

Nestas condições, que é que ficava na nossa frente? A dissidência de Guimarães, cuja votação no círculo era ridícula, a candidatura regionalista que também não valia a pena considerar, e os nomes de Fafe, que tem a mania de querer sempre predominar no círculo, mandando o sr. Miguel Ferreira ao Parlamento, embora só para dizer amen nos poucos dias em que, por desfastio, se lembra de lá ir.

Mas os homens de Fafe só tinham os seus votos e uma parte dos da dissidência de Guimarães; e tudo isso, junto, estava muito aquém da força eleitoral de que o nosso Partido dispõe e mostrou ter.

Parecia que podíamos, pois, estar tranquilos, e, se não affrouxamos na nossa campanha eleitoral, foi sómente para que a nossa votação fosse a mais honrosa possível.

Bem nos enganávamos, porém; e três causas havia para que a nossa cegueira fosse completa: a primeira termos acreditado no prestígio, dentro do Partido Liberal, da pessoa, aliás digníssima, que em nome dele havia falado; essa pessoa foi desautorizada e enxovalhada pelos seus correligionários, tal a disciplina que reina dentro daquele partido! A segunda havermos acreditado que os liberais, tendo assegurada a maioria, não teriam que se interessar por qualquer dos candidatos da minoria. A terceira não termos duvidado do republicanismo dos republicanos de Fafe, da sinceridade e desinteresse das suas convicções republicanas, da dignidade com que sustentam os princípios e as ideias que fingem defender.

Fomos absolutamente ludibriados; completamente iludidos na nossa boa fé. Contritamente, mas desassombadamente também, o confessamos. Falta de perspicácia ou excesso de ingenuidade da nossa parte? Seja o que for, os factos fôram estes.

Os senhores de Fafe foram a Vieira e, de combinação com um sr. Ernani, aqui muito conhecido por causa dos escuros negócios de milho, fizeram um arranjo com acôrdo dos liberais, em que o nosso candidato ficava prejudicado nuns cento e tantos votos e o sr. Miguel era favorecido em cerca de duzentos. Seguiram para Cabeceiras onde, se não fôra a enorme influencia de que ali dispõem, nos teriam roubado mais de 200 votos e apanhado para o seu candidato, que na urna não chegaria aos 20, 500 votos! Em Celorico, fizeram o que noutro lugar deste número minuciosamente vai exposto. Em Fafe, o seu baluarte, serviram-se de mil trampolines, que até nos repugna expor minuciosamente, tanto elas deprimem o caracter das pessoas com quem tratávamos, e fizeram com o governo um acôr-

do, na noite de sexta-feira para o sábado que precedia as eleições, pelo qual o sr. Miguel primeiro se atribuiu 1.700 votos, depois 1.950, aparecendo por último na assemblea do apuramento com 2.340 votos e ainda mais um roubo de 100 votos, em Terras de Bouro!

Foi assim, roubando ao nosso candidato 300 votos em Vieira, 1.100 votos em Fafe, 100 em Terras de Bouro, e tentando roubar em Cabeceiras 700 e em Celorico outros 700, que os senhores de Fafe entenderam que deviam manobrar uma eleição dentro da República e vencê-la!

E o certo é que venceram. O nosso candidato teve 4.306 votos e o sr. Miguel, que numa eleição legal, não poderia juntar, na mais favorável das hipóteses, uns 3.400 votos, appareceu com 4.954!

E porquê? Porque a gente de Fafe, onde não ha um único correligionário nosso — é preciso que isto fique bem acentuado para futuros efeitos — não teve escrúpulo de mandar o sr. Miguel a Braga prometer o seu apoio ao governo em troca dum ignóbil cambalacho eleitoral que roubasse a eleição a um antigo correligionário e dedicado amigo, de cuja acção no Parlamento pelo seu passado, alguma coisa havia de esperar, a favor desta região.

E porque mais? Porque da parte do Partido Liberal também não houve um vislumbre de dignidade politica e, para ter mais um voto, embora inconsciente, no Parlamento, não hesitou em proceder traiçoeira e vilmente contra o candidato dum Partido que lhe deu o Poder e nele o está sustentando.

Eis a história da eleição.

Agora o epílogo na verificação dos poderes.

O sr. Miguel Ferreira era inelegível por este círculo. Opiniões autorizadíssimas assim o afirmavam. Mas, que houvesse algumas dúvidas, era um facto incontestável que a sua eleição era devida á maior das porcarias, á mais descarada das chapeladas. Impunha-se a respectiva comissão de verificação de poderes, dar por inelegível o sr. Miguel Ferreira e proclamar o nosso candidato. Assim o exigia a dignidade, a honra da República. Se Miguel Ferreira tivesse mais votos, admitia-se que a comissão, desprezando os argumentos com que se demonstrou a sua inelegibilidade, o proclamasse eleito; mas, perante uma chapelada, não!

E, no entanto, a Comissão, cuja maioria era liberal, votou a favor do sr. Miguel Ferreira, sem hesitações, logo na sua primeira reunião.

Terão os dois correligionários nossos na referida comissão cumprido até ao fim o seu dever, defendendo um correligionário e pugando, com energia e com veemência, pela dignidade da República?

São perguntas a que, oportunamente, os obrigaremos a responder, conjuntamente com o Directorio.

E, sobre a eleição, poupem-nos mais considerações. Enojá-nos o que succedeu. E talvez sucinta de

mais esta exposição; perdoem-nos os nossos amigos; fica tudo relatado a traços largos; as conclusões e os comentários, procurem-nos na sua própria consciência.

## ARQUIVO

Do nosso presado colega de Celorico de Basto, «O Povo de Basto» e como complemento ao nosso artigo de fundo, transcrevemos os seguintes interessantissimos artigos:

I

E' preciso que se saiba a razão de não se ter realizado a eleição de deputados e senadores neste concelho, assim como de não se haver levado a effecto o acôrdo que fôra assinado entre um delegado da Comissão Municipal do P. R. P. e o delegado do Partido Liberal do Concelho.

O P. R. P. estava na disposição de ir ás urnas, e nesse sentido havia tomado as suas medidas. No dia 4 de Julho foi o director deste semanário solicitado pelo administrador do concelho, sr. capitão Augusto Cesar de Brito, para uma conferência em que este senhor aventou a ideia de se effectuar um acôrdo eleitoral, que, podendo representar uma proporção razoavel das forças de cada partido, evitasse os trabalhos e despesas inerentes a uma eleição.

Como o director deste jornal declinasse o assumir qualquer compromisso a tal respeito, visto ser apenas um dos membros da Comissão local do P. R. P. ajustou-se que no dia seguinte, depois de ouvida a Comissão, esta delegasse em um dos seus vogais os poderes necessários para apreciar a proposta feita pelo Partido Liberal.

No dia seguinte realizou-se, com effecto, uma conferência ajustando-se um acôrdo que consta do documento seguinte:

«Augusto Cesar de Brito, membro da Comissão Politica do Partido Liberal deste concelho, e como delegado do mesmo partido, e Justino Mota Ribeiro, como Delegado da Comissão Municipal do P. R. Português, estabelecem o seguinte acôrdo eleitoral por cuja execução assumem inteira responsabilidade.

O numero total de descargas nos cadernos de recenseamento não será superior a 1850. Deste numero cabem ao Partido Liberal 1200 votos e ao P. Republicano Português 650 votos.

Também assina como assistente o sr. dr. António Rodrigues Salgado.

Celorico de Basto, 5 de Julho de 1921.

(aa) Augusto Cesar de Brito  
Justino Mota Ribeiro  
António Rodrigues Salgado,

Nos termos rigorosos deste documento que foi passado em duplicado, nenhuns outros candidatos que não os das listas officiais dos dois partidos poderiam ser contemplados.

No entanto, o sr. capitão Brito expôs aos signatários do acôrdo que dessa votação o Partido desejava dar uns 200 votos a seu cunhado sr. major Miguel A. Ferreira, dissidente, e uma centena de votos ao sr. Artur Brandão, que se propuzera como candidato independente por este círculo. Ficavam nestas condições 600 votos para o Partido Liberal e 300 para este disribuir aos dois referidos candidatos.

Claro que, se o P. R. P. local quizesse cingir-se á expressa condição do acôrdo só o Partido Liberal poderia ter votação além daquelle. Mas sempre correcto e leal, o P. R. P. não duvidara admitir as declarações verbais do sr. capitão Brito.

Vão os leitores saber como se correspondeu a essa attitude.

II

Viram já os leitores as condições em que ficou exactado o acôrdo entre os delegados do P. R. P. e P. L. locais; assim como o propósito manifestado pelo sr. Capitão Brito de dividir a votação fixada para o seu partido com os candidatos regionalista (?) e dissidente, e constante da conversação havida entre este senhor e os outros signatários do acôrdo.

Para homens de palavra e politicos honestos seriam desnecessárias outras garantias de cumprimento exacto do combinado. Para traficantes, para individuos de má fé, nem uma escritura publica seria bastante segura.

No dia 7 de Julho o candidato do P. R. P. desejava saber, dada a incerteza da divisão de votação que o P. Liberal deste concelho pretendia fazer entre os candidatos dissidente e regionalista, quais os números definitivos dessa divisão.

Foi solicitada essa informação ao delegado do P. L., sr. capitão Brito, que respondeu da seguinte forma, ao director deste semanário:

«Só á noite posso informá-lo com certeza da divisão a fazer — por isso logo que esteja habilitado aviso.

8/7/921.

A. C. Brito.

O itálico é nosso. Não tendo vindo a prometida resposta, foi o sr. capitão Brito instado mais uma vez para a dar. Enviou então o sr. Brito a seguinte carta:

9/7/921.

Meu Dr.

Esperamos que o Artur Brandão desista — mas só ao meio dia estará a resposta aqui. Desistindo ele damos a votação integral aos candidatos do governo, tirando uns 2 ou 3 centos de votos para meu cunhado Miguel. Logo que esteja habilitado direi como é ao certo.

De V. etc.

Augusto C. de Brito.

Continuamos com o itálico, para mostrar a evolução da opinião

do P. L. expressa pelo seu delegado.

Como se vê, agora já apparecem 2 ou 3 centos de votos para o candidato dissidente, excluindo o sr. Brandão.

Nesse mesmo dia, solicitado para indicar números precisos definitivos, escrevia o sr. Brito:

9/7/921.

Meu...Dr.

O nosso desejo era que o Artur Brandão desistisse, por não ter viabilidade a sua candidatura.

No caso, porém, de ele insistir dar-lhe-emos uns centos de votos.

Tencionamos, conforme o caso, dar aos candidatos governamentais 1000 votos (mil) e a meu cunhado Miguel não daremos mais do que aquilo que V. Ex.ª conseguiram para os candidatos do Directorio do P. R. P.

Só daqui a horas poderei dar-lhe outra informação mais completa. Terei nisso o maior prazer.

De V. etc.,

A. C. Britos.

Reparem os leitores o que fica destacado: a votação do sr. Miguel Ferreira já passava de 2 a 3 centos a 650 (votação consignada para os candidatos do P. R. P.) e a do sr. Brandão, embora considerada inviável a sua candidatura, subiu a uns centos de votos.

Pois ainda não é tudo!

Como se extranhasse, e muito justamente, a attitude irregular do P. L. neste caso e os delegados do candidato do P. R. P. se desligassem de qualquer compromisso em virtude daquele procedimento, deixando dependente ainda o fechar-se ou não qualquer acôrdo do parecer do então já único candidato democrático, com garantias de ser eleito, o sr. Mariano Felgueiras, respondia assim o representante do P. Liberal:

Meu...Dr.

Não posso aguardar a resposta que possa dar o sr. Mariano Felgueiras. Eu, em seguida á resposta de V., telegrapho para Braga e fica tudo sem effeito.

A. Britos

(Nota á margem:)

A votação estabelecida é:

Mourão—900
Salazar—900
Soares—900
Miguel—900

Não concordo senão com o que está feito.

A. B.ª

E eis como de 300 votos passa o sr. Miguel Ferreira a ter 900! Isto é sério, digno, correcto?

E' claro que em tais condições o P. R. P. local repudiou com nojo qualquer hipótese de combinação porque via em todos os actos do Partido Liberal o propósito velhaco de torpedear a candidatura, que estava garantida, do sr. Mariano Felgueiras, em beneficio do sr. Miguel Ferreira.

No entanto, ainda, o sr. Brito ousava perguntar se estava desfeito o acôrdo ou se o mantinhamos, e pedia que solicitassem alguns presidentes das mesas a vir assinar os papeis de uma eleição que o sr. Brito começou a fabricar, mas que teve de abandonar em virtude de o fazerem sciente dos variados inconvenientes de tal acto, a que o P. R. P. era e foi absolutamente estranho!

Aqui têm os leitores o que se passou.

Verifiquem todos os homens honestos de que parte está a seriedade, a lialdade, o cumprimen-

to rigoroso da palavra. Se ao P. Liberal local assiste a menor razão para acôrmar o P. R. P. de incorrecto, ou se é este, pelo contrário, que pode, cheio de justiça, bradar que os seus adversários são uns pantomineiros, uns saltimbancos, indignos de fé e da confiança da gente que preze a sua dignidade.

Ros cegos... de espirito

Os caros leitores devem recordar-se ainda do escarcêu que a imprensa local adversa ao regime por aí fez a quando do modesto entêrro duma misera criatura que a caridade dum republicano fez remover para o cemitério, á sua custa, só porque não levava padre, que custava dinheiro.

Uns maçonicos, enfim, rosnavam-se.

Pois, senhores! o desventurado, que o vulgo conhecia por «A primeira Vista», ha muito internado numa casa de caridade, onde falleceu, com igrejas, padre e tudo, além do pároco da freguesia, lá seguiu ha dias para a sua última morada, conduzido por quatro homens, sem padre nem nada, como a coisa mais natural deste mundo de misérias, e talvez sem ter sido confortado com os apregoados sacramentos do empolado estilo.

E a mesmíssima imprensa nem tossiu nem mugiu, porque não foram os maçonicos.

E querem estes farçantes que os tomemos a sério...

Edificante tudo isto, não é?

VELHARIAS

Vimaranenses notáveis

—Joanna Michaela, filha de Pedro Machado e de Dionysia de Macedo. Além da lingua materna fallava com elegancia a latina, italiana, grega e chinesa. Deu-se ao estudo da philosophia, theologia, mathematica, astrologia, arithmetica e musica. adquirindo grande erudição e sabedoria nas letras sagradas e profanas, como se lê no tom. 1, pag. 536 do THEATRO HEROICO DE MULHERES ILUSTRES, por Damião de Froes Pereira.

—Frei Abril Annes, membro da quinta commissão ou alçada d'inquirições, mandadas fazer por el-rei D. Alfonso III, averiguando-se das honras e coutos para segurança das suas jurisdicções e direitos, e um dos authors do Rollo ou Rol, que era a cópia athenica das cartas de foraes e doações, que por tal occasião se lhe apresentavam.

—Affonso Lourenço de Carvalho, era o presidente da Academia vimaranense. Deram-se á luz em 1747 e 1749 muitas composições suas, e dos seus academicos, no GUIMARÃES AGRADECIDO, dous volumes em quarto. Na Academia dos Arcades em Roma tinha o nosso illustre patrio o nome de Tagomello Coriteu.

—Frei André de Guimarães, franciscano da provincia de Portugal, exerceu na sua Ordem varios cargos, incluindo o de provincial, eleito em 1614. E' conhecido na republica das letras pelo seu SERMÃO que a cidade fez na casa de Santo Antonio á Rainha Catholica D. Margarida d'Austria. Morreu no convento de Lisboa a 3 de dezembro de 1632.

—Frei António de Guimarães foi professo na reformada provincia da Piedade dos Menores Seraphicos, onde floresceu em virtudes. Nomeado visitador da provincia de Santo Antonio exerceu este ministerio com subido grau de prudencia e proficuidade. A 30 de Janeiro de 1639 foi elevado ao cargo superior de provincial

por aclamação unanime dos domésticos e estranhos. Vivia ainda em 1645, como se vê de Frei Manuel de Monforte na Chronica da Provincia. Em 1637 imprimiu em Braga, na officina typographica de Gonçalo de Basto, o CEREMONIAL DA PROVINCIA DA PIEDADE d'um volume em quarto grande, e não lhe citam outra edição os nossos bibliographos; possui contido em Braga o professor Pereira Caldas, na sua importante e selecta livraria, uma outra edição ainda mais rara e geralmente desconhecida. E' edição igualmente de Braga e da mesma officina, mas de 1641, em folio pequeno.

Escola Industrial

de "Francisco de Holanda," em Guimarães

Ano lectivo de 1920-1921

Resultado dos exames do periodo transitório

(Cursos nocturnos)

Desenho Geral Elementar, 2.º ano: Perderam o ano, por faltas, 5 alunos.

Faltou ás provas de exame, 1 aluno.

Desenho Ornamental e Modelação — Transitaram para o 2.º ano: Maria Alice Pereira de Almeida, 14 val.; Antonio Marques, 14 val.; Serafim Ferreira de Oliveira, 16 val.; Duarte Dias, 16 val.; Maria José Gomes de Abreu Ribeiro Vilas, 10 val.

Transitaram para o 3.º ano: Quitéria Ribeiro Dias de Abreu, 12 val.

Perderam o ano, por faltas, 3 alunos.

Fizeram exame do 3.º ano: Antonio do Carmo Pereira de Almeida, 20 val. (distinto); Antonio Francisco da Silva Reis, 18 val. (distinto); Piedade dos Anjos, 15 val. (distinta); David da Rocha Braga, 15 val. (distinto).

Faltou ás provas de exame 1 aluno.

Aritmética e Geometria, 2.º ano: Alfredo Dias da Fonseca, 12 val.

Perderam o ano, por faltas, 11 alunos.

Lingua Portuguesa, 2.º ano: Perderam o ano, por faltas, 6 alunos.

Principios de Física e Quimica — Transitaram para o 2.º ano: Abilio Fernandes Peixoto, 15 val.; Maria Alice Pereira de Almeida, 15 val.; Antonio Marques, 10 val.; Duarte Dias, 15 val.

Perdeu o ano, por faltas, 1 aluno.

Fizeram exame do 2.º ano: Antonio Francisco da Silva Reis, 18 val. (distinto); João da Rocha Braga, 17 val. (distinto); Fortunato Fernandes da Silva, 14 val.

Perderam o ano, por faltas, 2 alunos.

Quimica Industrial — Transitaram para o 2.º ano: Maria Alice Pereira de Almeida, 10 val.; David da Rocha Braga, 13 val.

Perderam o ano, por faltas, 3 alunos.

Perdeu o ano, por deficiencia de média, 1 aluno.

Fizeram exame do 3.º ano: Antonio do Carmo Pereira de Almeida, 18 val. (distinto); Piedade dos Anjos, 18 val. (distinta); Antonio da Rocha Braga, 18 val. (distinto).

Faltaram ás provas de exame 2 alunos.

Curso de aperfeiçoamento

(Nocturno)

Desenho Ornamental e Modelação, 1.º ano: Antonio da Rocha Braga, 14 val.; João da Rocha Braga, 14 val.; Maria da Madre de Deus Vieira de Melo, 15 val.; João Antonio da Silva, 19 val.; Lino S. Boaventura Mendes Gui-

CASA DAS NOVIDADES RIBEIRO CASTRO & C.ª

Livraria, Papelaria e Tabacaria--Perfumarias e Miudezas

Assinatura de jornais e illustrações nacionais e estrangeiras. Depósito de músicas religiosas (última reforma), e profanas. Venda de figurinos. Grande sortido de livros estrangeiros úteis ao clero. Artigos de pintura, fotografia, pirogravura e desenho. Livros de Missa, liturgia e apologetica. Variado sortido em oleografias, estampas, ferços, medalhas e outros artigos de piedade. Encarrega-se de qualquer encomenda de objectos para igreja.

Rua da República, 103, 105 e 105-A—Rua Gravadar Molarinho, 1 e 3

GUIMARÃES

marães, 15 val.; Rodrigo Fernandes de Abreu, 17 val.; Maria Adelaide Gomes de Abreu Ribeiro Vilas, 14 val.

Perderam o ano, por faltas, 4 alunos.

Desenho Geral, 1.º ano: Fernando Alves, 14 val.; João Fernandes de Abreu e Silva, 12 val.; João de Oliveira, 13 val.; João de Freitas, 13 val.; Antonio Sampaio de Oliveira, 15 val.; Franklin Tavares de Oliveira, 13 val.; Gonçalo Soares Ribeiro, 16 val.; Joaquim Pereira, 14 val.; Alfredo Dias da Fonseca, 12 val.; Domingos Mendes Fernandes, 15 val.; Mário Ferreira, 15 val.; Manoel Ribeiro Dias, 13 val.; Abilio de Carvalho Melo, 13 val.; Manoel Antunes da Cunha, 14 val.; Antonio José Ribeiro, 15 val.

Perderam o ano, por faltas, 15 alunos.

Foi anulada a matricula a 2 alunos.

Perderam o ano, por falta de média, 2 alunos.

Desistiu 1 aluno.

Aritmética e Geometria, 1.º ano: João Fernandes de Abreu e Silva, 16 val.; João de Oliveira, 16 val.; João de Freitas, 16 val.; Antonio Sampaio de Oliveira, 16 val.; Franklin Tavares de Oliveira, 17 val.; Antonio José Ribeiro, 16 val.; João Monteiro, 16 val.

Perderam o ano, por faltas, 9 alunos.

Lingua Pátria, 1.º ano: Manoel Bernardino, 12 val.; João Fernandes de Abreu e Silva, 13 val.; João de Oliveira, 14 val.; Antonio Sampaio de Oliveira, 12 val.; Alfredo Dias da Fonseca, 16 val.; Antonio José Ribeiro, 15 val.; João Monteiro, 12 val.

Perderam o ano, por faltas, 15 alunos.

Principios de Física e Quimica, 1.º ano: Franklin Tavares de Oliveira, 15 val.

Quimica Industrial, 1.º ano: Maria da Madre de Deus Vieira de Melo, 11 val.

Francês, 1.º ano: Gonçalo Soares Ribeiro, 15 val.; Mário Ferreira, 15 val.; Antonio do Carmo Pereira de Almeida, 16 val.; Antonio Xavier da Silva, 17 val.; Manoel Antunes da Cunha, 10 val.; Manoel Fernandes de Oliveira e Castro, 18 val.; Guilhermino de Carvalho, 18 val.

Perderam o ano, por faltas, 23 alunos.

Geografia e História, 1.º ano: João de Oliveira, 12 val.; João de Freitas, 12 val.; Mário Ferreira,

14 val.; Antonio Xavier da Silva, 11 val.; Arnaldo Alves de Almeida Araujo, 10 val.; Manuel Fernandes de Oliveira e Castro, 16 val.; Guilhermino de Carvalho, 13 val.; Gonçalo Soares Ribeiro, 14 val.

Perderam o ano, por faltas, 18 alunos.

Desenho mecânico, 1.º ano: Antonio do Carmo Pereira de Almeida, 19 val.; João Antonio da Silva, 18 val.

Perderam o ano, por faltas, 6 alunos.

Curso de aprendizagem

(Diurno)

Desenho Geral — Fizeram exame: João Augusto Correia Guimarães, 10 val.; Joaquim Moreira de Castro, 16 val.

Perderam o ano, por faltas, 4 alunos.

Desenho mecânico — Transitou para o 2.º ano, Mário da Cunha de Almeida Ferreira, 15 valores.

Perderam o ano, por faltas, 4 alunos.

Aritmética e Geometria — Transitou para o 2.º ano: João Augusto Correia Guimarães, 12 valores. Fez exame do 2.º ano: Joaquim Moreira de Castro, 20 val., (distinto).

Perderam o ano, por faltas, 3 alunos.

Lingua Pátria — Transitou para o 2.º ano: João Augusto Correia Guimarães, 11 valores. Fez exame do 2.º ano: Joaquim Moreira de Castro, 18 valores (distinto).

Perderam o ano, por faltas, 3 alunos.

Principios de Física e Quimica e noções de Teclologia — Fez exame do 2.º ano: Joaquim Moreira de Castro, 19 valores.

Francês — Transitou para o 2.º ano: João Augusto Correia Guimarães, 12 valores. Fez exame do 2.º ano: Joaquim Moreira de Castro, 18 valores (distinto).

Geografia e História: Fez exame do 2.º ano: Joaquim Moreira de Castro, 19 val. (distinto).

CASA

Vende-se uma de tres andares con instalações, sita no Largo do Trovador n.º 12 e 14. Para ver e tratar no escritorio da Delegação la Companhia «ATLANTICA».

“A VELHA GUARDA”

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Table with 2 columns: Term (Ano, Semestre, Trimestre, Numero avulso) and Price (3\$50, 1\$75, 1\$90, \$10)

PUBLICAÇÕES

Table with 2 columns: Publication type (Anuncios e omnicados, 1.ª publicação - cada linha, Repetição, Permanentes - contrato especial, Imposto do sel.) and Price (\$20, \$10, ...)

Ex.º Sr. Sociedade...